



A FUNÇÃO DA ESCRITA PARA O AUTISTA NAOKI HIGASHIDA¹

THE FUNCTION OF WRITING FOR THE AUTISTIC NAOKI HIGASHIDA

Tayná Carvalho Amorim²

RESUMO: O presente artigo parte de um estudo que buscou compreender a função da escrita para o autista Naoki Higashida a partir do seu livro “O que me faz pular”. Diante da dificuldade que a voz falada apresenta para o autor, a hipótese levantada foi que a escrita viabiliza um tratamento da voz e a estabilidade dos signos, atendendo aos anseios de imutabilidade do autista. Partindo de um olhar psicanalítico sobre a voz e os sujeitos autistas, foram estudadas as contribuições de diversos autores relacionados ao tema, ressaltando as contribuições de Higashida em sua singularidade na sua relação com a escrita. Foi possível concluir que a voz, enquanto *objeto a*, não é algo extraído pelo autista em sua constituição, não favorecendo o endereçamento da voz ao outro, a partir da entrada na linguagem e, assim, o autista retém sua voz. A escrita de Higashida favorece à ele se conectar ao mundo externo, uma vez que possibilita o trabalho com signos, evitando polissemias e endereçamento direto da voz ao Outro, não havendo a presença marcante deste. A hipótese é confirmada, uma vez que, sustentada pelo recurso do duplo, a escrita proporciona tranquilidade ao lidar com letras, números e símbolos; atende aos critérios de imutabilidade buscado pelo autista; além de possibilitar a conexão e inserção social por meio dela.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo; Psicanálise; Escrita; Voz; Comunicação.

ABSTRACT: The following article develop a study that sought to understand a function of the writing for the author Naoki Higashida from his book "The Reason I Jump". On account of the difficulties that the spoken voice presents to the author, the hypothesis raised was that writing makes possible a treatment of the voice and the stability of the signs, attending to the anxieties of the autism immutability. Starting from a psychoanalytic view on the voice and the autistic subjects, the contributions of several authors related to the subject were studied, emphasizing Higashida's singularity in his relation with the writing. It was possible to conclude that the voice, as *object a*, isn't something extracted by the autist in its constitution, not favoring the addressing of the voice to the other, from the language entry, that is, the autist retains its voice. Higashida's writing favors him to connect to the external world, since it makes it possible to work with signs, avoiding the polysemy and directly addressing the voice to the other, not having its marked presence. The hypothesis is confirmed, since, supported by the use of the double, writing provides tranquility when dealing with letters, numbers and symbols; meets the criteria of immutability sought by the autist; in addition to enabling connection and social insertion through it.

KEYWORDS: Autism; Psychoanalysis; Writing; Voice; Communication.

1 INTRODUÇÃO

O autismo, enquanto um modo de ser do sujeito, é comumente identificado e discutido no que se refere ao mutismo, enclausuramento e dificuldade de interagir e comunicar. Entretanto, os autistas têm nos mostrado que não se trata de um não saber falar, mas sim, da dificuldade encontrada na comunicação. Diante disto, a escrita dos autistas nos chamam a atenção, principalmente nos autistas com maiores dificuldades em se comunicar, como no caso de Naoki Higashida. Seu livro “O que me faz pular” teve a sua primeira versão lançada em 2017.

¹ Artigo construído a partir da monografia, orientada pela Prof^ª. Dra^ª. Suzana Faleiro Barroso, do curso de Graduação em Psicologia da Puc Minas – Coração Euscarístico.

² Psicóloga pela Puc Minas, Psicanalista, especializanda em Psicologia Hospitalar pela Santa Casa Bh. psi.taynaamorim@gmail.com

O interesse no livro surgiu quando estive como monitora do Laboratório de Estudos Clínicos da Puc Minas, auxiliando no Grupo de Estudos de Autismo, época na qual estudávamos as autobiografias de autistas. A obra de Higashida, recém lançada no Brasil naquela época, chamou bastante atenção por ser um autista que, apesar de apresentar profundo estranhamento em relação à própria voz e dificuldades na comunicação oral, tem uma escrita esclarecedora que tanto nos comunica sobre o autismo, permitindo uma maior aproximação e entendimento do autismo e deste mundo singular habitado por ele.

É precioso e particular cada testemunho e, segundo Maleval (2017), o que os autistas dizem sobre eles mesmos deve ser levado a sério. Destaca Bialer (2014) que os autistas são capazes de expressar sua posição subjetiva nas produções, sendo um material clínico para melhor compreensão do autismo, além de oferecer efeitos terapêuticos. Neste sentido, o estudo de Bernardino (2015) ressalta o papel da escrita na direção do tratamento do autista.

Maleval (2017) identifica que a escrita obedece aos critérios que satisfazem os autistas como a constância, imutabilidade, possibilidade de controle e ordenação das letras, números, palavras e pensamentos. Proporciona o não endereçamento e não presença do outro quando se escreve, além de ser possível lançar mão de um duplo para o processo da escrita e evitar polissemas. A escrita, tida como elemento de sua borda, favorece trocas com o meio, o protege contra a angústia e favorece a inserção social.

Partindo da visão de autismo para a psicanálise, será mencionado os autistas escritores e assinalada a diferença da escrita do autista em relação à escrita do psicótico. Seguido do conceito de voz para a psicanálise e seus impasses para o autista, ressaltaremos a particularidade da escrita de Naoki Higashida, o que ela possibilita à ele e o que pode nos ensinar sobre o autismo, além do quanto contribui para a conexão da sua voz ao campo do Outro se valendo do recurso à letra. Alguns trechos de sua obra foram destacados a fim de ilustrar aspectos relevantes sobre o autismo, estudados neste trabalho. Vale lembrar que o processo de aprendizagem da escrita no autismo não será tratado neste artigo. Veremos aqui o quanto a escrita apresenta elementos que favorecem uma comunicação menos angustiante. Assim, Higashida (2014) nos pede para que o escutemos, e buscaremos então fazer isto, com foco em sua escrita e a função desta para ele.

2 AUTISTAS ESCRITORES E O OLHAR PSICANALÍTICO

O aparecimento do termo autismo se deu no início no século XX com Bleuler, psiquiatra suíço, relacionado aos sintomas de autoerotismo da esquizofrenia no adulto. Diversos au-

tores tem contribuições sobre o tema e os mais referenciados são Kanner, psiquiatra austríaco que em 1943 marca a separação do autismo com a esquizofrenia e também Asperger, pediatra austríaco que em 1944 foca seus estudos principalmente nos autistas considerados superdotados. Atualmente, a visão da psicanálise sobre o autismo não está relacionada com a hipótese de que seria culpa dos pais, em especial, das mães. Laurent (2014) evidencia que os psicanalistas já se livraram há algum tempo desta hipótese absurda.

Este estudo se baseará no conceito de autismo colocado por Maleval (2010), como um tipo clínico original e modo de ser singular do sujeito. O autor nos lembra que tal singularidade deve ser levada em consideração, o caso a caso, por isso, os testemunhos dos autistas e o que eles nos indicam devem ser levados à sério. Assim como nos orienta a psicanálise, partiremos de uma escuta do que os autistas têm a dizer sobre eles, considerando que o sujeito possui um saber sobre o seu modo de funcionamento. Bialer (2014) nos indica a importância da literatura de autistas, como construções subjetivas singulares que podem viabilizar uma mudança na direção de uma maior abertura para o mundo e laço social.

No que se refere aos escritos autobiográficos, Biger Sellin está na lista de pioneiros desta prática. Grandes nomes de autistas que se lançaram, cada um à sua maneira, à escrita, são: Temple Grandin, Donna Williams, Carly Fleishmann e Daniel Temmet. Muitos destes se beneficiaram da comunicação facilitada para o início da atividade da escrita. Segundo Maleval (2017), este foi um método criado em 1980, por Rosemary Crossely, para ajudar crianças deficientes, contando com um facilitador para o uso do teclado de computador que, no caso do sujeito autista, funciona como duplo. O autor indica que é característica capital do sujeito autista “o escoramento num duplo para se animar” (MALEVAL, 2017, p. 72), sendo mais cômoda para o autista a aprendizagem por meio de objetos e, no caso, o computador.

É importante ressaltar a diferença existente na escrita do autista e do psicótico, uma vez que são estruturas clínicas comumente confundidas. O primeiro ponto diferencial entre estas estruturas clínicas é o duplo. Na psicose o duplo é perseguidor, em uma realidade delirante, enquanto no autismo o duplo está no real, aparecendo como pacificador e protetor. Diferente da psicose, no autismo podemos identificar a vontade de imutabilidade, a ausência de desencadeamento e evolução do autismo para o autismo. Os psicóticos não atribuem à eles mesmos o diagnóstico e, na escrita, aparece a marca da vontade de anunciar a boa nova e o desejo de justiça. Acreditam serem perseguidos porque fizeram grandes descobertas sobre o mundo e sistema simbólico. Já os autistas, em suas escritas, buscam explicar e reivindicar seu modo singular de funcionamento, mostrando que são inteligentes e capazes. (MALEVAL, 2015).

3 A VOZ PARA A PSICANÁLISE E A DIFICULDADE DO AUTISTA COM A VOZ

Antes de apresentarmos as questões referentes à escrita do autista, discutiremos a dificuldade do autista com os empasses da voz, partindo da elaboração da psicanálise sobre a voz. Dependendo da perspectiva adotada, a voz pode designar coisas muito diferentes, tendo um sentido específico em cada campo de estudo. O enfoque dado pela psicanálise não é uma leitura biologicista, uma vez que o que está em primeiro plano não é o orgânico (CALDAS, 2007). Isto não quer dizer que desconsidere a dimensão do corpo, mas vai para além dela.

O corpo tem sim sua importância enquanto campo próprio da voz, tanto para emissão, na caixa de ressonância, quanto na recepção do eco. Para exemplificar, assim como o vaso não é o barro, mas sim o oco criado, a voz para a psicanálise tem uma relação com o corpo e o fônico, favorecendo a produção um vazio, da sonoridade ao significante. (CALDAS, 2007). Ao dizermos deste vazio, não podemos deixar de falar do ponto de falta fundamental na constituição do sujeito, relacionado à castração e entrada na linguagem. A voz, neste panorama, aparece como *objeto a* possível de ser extraído do sujeito, enquanto algo do corpo, favorecendo a estruturação da realidade.

A noção de objeto *a* aparece enquanto objeto separável do corpo e, a voz enquanto *objeto a*, tem a dimensão da amputação do objeto. Bastos (2014) coloca que “as palavras, a música, o canto e a beleza da voz se prestam a velar a dimensão de amputação do objeto vocal, ponto opaco na invocação.” (p. 67). Afirma que a exterioridade da voz aparece na fratura entre o corpo e a voz quando se fala, estando o ser falante dividido entre emissor e receptor.

A partir dos ensinamentos de Lacan, Caldas (2007) aponta que a função orgânica está na base do campo pulsional e o valor de objeto da pulsão ultrapassam esta função orgânica. Neste sentido é que Lacan adiciona à lista de objetos a voz e o olhar, situáveis no corpo, para além da função de órgão. O objeto vocal e o objeto escópico, de acordo com Miller (2013), não estão localizados em determinado estágio do desenvolvimento.

A voz para Miller (2013) é a-fônica e os “objetos ditos *a* só podem afinarem-se com o sujeito do significante se perderem toda substancialidade, se estiveram centrados por um vazio que é a castração.” (p.4). Segundo o autor, não é o falar, mas sim, o que não se pode dizer que está em jogo na voz, enquanto objeto da pulsão. Caldas (2007) revela que a dimensão objetual é percebida em gravações da própria voz quando, ao escutarmos, estranhamos, havendo nela um real impossível de ser dito, aparecendo a dimensão da voz do Outro.

Catão e Vivès (2011) e Barroso (2014) concordam quanto ao fato da fala não ser um resultado de um adestramento ou algo inato, como um processo natural. Conforme Catão e Vivès (2011), a fala é amarrada à uma escolha do sujeito, é o que se espera como resultado da estruturação do funcionamento psíquico. A criança autista vai mostrar que escolhe não deixar se alienar aos significantes do campo do Outro, pelo menos não completamente. Segundo Maleval (2017), às vezes, a voz pode se fazer ouvir nas alucinações do psicótico, como insultos. Já no autista, nada é alucinado, mas o objeto vocal o angustia, tem horror ao imperativo que escapa à ele ou quando o outro afirma sua presença anunciativa lhe falando.

O autor aponta o mutismo como forma mais radical do autista conter o gozo vocal, não se tratando de uma recusa em se comunicar, uma vez que os autistas irão encontrar outras formas, que não a fala, para responder. “Ele rejeita toda e qualquer dependência com relação ao Outro: recusa ceder o objeto do seu gozo vocal, de modo que resiste radicalmente à alienação do seu ser na linguagem.” (MALEVAL, 2017, p. 94). Nos estudos de Bernardino (2015) ela evidencia a existência da linguagem no autista, ainda que não manifeste.

Em diversos graus do autismo, persiste a dificuldade extrema de tomar a posição de enunciador, e não de adquirir a linguagem. Não é que não saibam falar pois eles falam, se tratando de verbalizações originais que Maleval (2017) identifica como “linguagem de papagaio”, a voz artificial, particular e sem expressividade apresentada por autistas.

A dissociação entre voz e linguagem está no princípio do autismo. [...] Recusar apelo ao Outro e recusar a alienação do ser de gozo na linguagem constituem estratégias inconscientes do sujeito para se proteger da angustiante presença de um Outro demasiado real. A cisão entre voz e linguagem é sentida como enigmática e dolorosa, mas ela se impõe à vontade. (MALEVAL, 2017, p. 103).

É colocado um paradoxo fundamental na clínica do autismo: “apesar do sujeito estar afetado pela linguagem instituída, rejeita, no entanto, qualquer instituição nela” (ACERO, 2013, p. 66). A extração do objeto, portanto, não acontece no autista e, não havendo furos, não há uma borda delimitada que favoreça trocas com o exterior a partir dela. Para Laurent (2014) as crianças autistas tem crises de angústias uma vez que vivem a dimensão terrível de que nada falta, pois nada pode faltar. Não há um furo no qual possa vir a ser colocado algo. Não há furo no registro do real e a automutilação pode aparecer como criação de um furo, como saída para o excesso de gozo.

Assim, o autista recusa em abrir mão do gozo vocal, posto por Maleval (2017) como princípio do ser autístico, para que assim não se confronte com o desejo do Outro. O ato de tapar os ouvidos, realizado por certos autistas, está relacionado à esta possibilidade de gozo

que aterroriza o sujeito. Quando o autista deixa escapar um enunciado, ele vive algo parecido como uma mutilação, podendo então se refugiar em silêncio ainda mais profundo, após este momento angustiante, “uma vez que coloca em jogo não somente a alteridade, mas uma cessão do objeto do gozo vocal do Outro” (MALEVAL, 2017, p. 93). Os sujeitos autistas mantêm em reserva a própria voz, pelo receio “de terem a sensação de serem esvaziados se fizerem com que ela sirva para o apelo.” (MALEVAL, 2017, p. 289).

É pontuado por Drummont (2018) como traço comum nos autistas, uma espécie de continuidade entre corpo e voz, e cada sujeito autista vai produzir um corte particular entre eles. A autora comenta o caso Hélio, ressaltando a possibilidade de laço social no autismo e a importante separação do corpo e voz. No caso comentado, a invenção própria do sujeito foi narrar os jogos de videogame na plataforma *YouTube*, de forma que sua voz seja uma voz de fundo, fora da cena. “Trata-se de um dispositivo para se relacionar com o outro, fazer seu corpo e poder sustentá-lo, e uma maneira de suportar se relacionar com o ruído invasivo da língua.” (DRUMMONT, 2018, p. 42). Desta forma, a autora coloca que o autista está inserido no mundo da linguagem de forma singular, dependendo de uma invenção própria de cada sujeito para que se ligue à linguagem.

Segundo Maleval (2017), pela evitação da interlocução o autista evita a voz do Outro e o mutismo e a verborreia são formas de o sujeito evitar a própria voz. O autor cita os ensinamentos de Lacan que, em 1975, qualificou os autistas como “verborrágicos” e surpreendeu ao chamar atenção para a especificidade das enunciações dos autistas, sendo verbalizações originais, pois eram vistos como mudos. Assinala que na verborreia autística a voz é apagada, como um exercício tranquilizador de fala, conservando sobre ela o controle, não colocada no lugar do Outro. Tem a função de sufocar e conter a manifestação da voz que ele teme, não sendo essencialmente um gozo solitário da voz, uma vez que este aterroriza o sujeito. Assim aparece a fala de papagaio e também o ato de tapar os ouvidos, mencionados anteriormente.

Um dos pontos que caracteriza a estrutura autística, é que o sujeito autista pode sair do mutismo através de duas formas de lidar com o objeto vocal. A primeira, mais comum nos autistas de Kanner, é a língua verbosa, caracterizada por não formar cadeia de significante, logo, não estabelece o laço social, possui fins de auto-satisfação e pouco valor de comunicação. A segunda é pela língua factual ou funcional, comum nos autistas de Asperger e caracterizada por uma voz que permite comunicar não por meio de significantes, mas pelos sinais. Pode ser suportada por objetos ao qual o autista dá voz. (MALEVAL, 2010).

É importante diferenciarmos a voz na psicose e no autismo. Bastos (2014) pontua que nas psicoses há uma exterioridade da voz e uma presença auditivada e íntima, enquanto no

autismo a voz não ressoa no vazio do Outro, não é lançada. O Outro se apresenta de forma excessiva para o autista, conforme afirma Ribeiro (2005): “Se não há simbolização primordial, o Outro se apresenta como um Outro maciço, completo, que não comporta a escansão presença/ausência, nem a concomitante extração do objeto que o descompletaria” (p. 40). Ele vai tentar se proteger da presença angustiante do Outro com soluções próprias e singulares. Algumas estratégias, apontadas por Maleval (2017), são o mutismo, a verborreia, a língua verbosa e a língua factual.

Há alguns recursos, indicados por Bialer (2017), em que a presença enunciativa não está marcada podem ser: scripts, textos literários, músicas, ecolalias, gravador, mimetização na voz de animais e personagens. A autora identifica que, quando o sujeito se faz presente na enunciação, o autista pode apresentar entraves, mas, se a dimensão da presença está mascarada, ele pode responder sem grande entonação ou com uma linguagem técnica e funcional.

Maleval (2010) evidencia dois pontos que caracterizam a estrutura autística, sendo um deles o retorno do gozo na borda, constituída pelos elementos: objeto autístico, duplo e ilha de competência; e, o outro ponto, a retenção do objeto do gozo vocal. Araújo et al. (2017) revelam que diante de uma sobrecarga de gozo, o sujeito autista pode tentar se proteger construindo uma defesa e criando uma borda que o separa do mundo caótico. Enquanto elemento da borda e como uma proteção contra o Outro, o duplo aparece na constituição desta borda e na relação com a fala. De acordo com Maleval (2017) os autistas sofrem com a solidão e muitos procuram embarcar na comunicação com suas soluções particulares, como numa linguagem de gestos, signos, escrita ou pela comunicação facilitada.

Assim, o autista retém sua voz, enquanto objeto pulsional, não se colocando no campo da linguagem do Outro. Para que esta voz possa ser expulsa é necessário um apoio de outro ser, oferecendo um *holding*. (BIALER, 2014). No caso de Owen, autista do filme “Vida Animada”, ele lança mão dos personagens da Disney e suas falas como duplos, como forma de usar a voz sem engajar seus afetos. Faz um trabalho através de histórias e fala dos personagens, até conseguir criar em desenhos a própria história. Na dificuldade do sujeito autista em tomar a posição de enunciativo, conforme evidenciado por Maleval (2017), buscará não colocar em jogo seus afetos, presença e gozo vocal.

O autista apresenta incapacidade para generalizar e abstrair e, pela falta de acesso ao significante, pensa primeiro com os signos, uma vez que estes têm uma estreita relação com o seu referente e assim, cada palavra corresponde à uma coisa. A conexão entre signo e imagem aparece nos ícones, aos quais os autistas se apegam e apreciam tanto, uma vez que apresentam a rígida conexão entre signo e a imagem referente. A imutabilidade aparece como possibilida-

de por ordenar o mundo caótico e, a preferência pela linguagem escrita, por não terem de engajar o gozo vocal. Desta forma, apesar da dificuldade, conseguem falar deles próprios, se expressarem e falar de suas vivências com precisão. (MALEVAL, 2017).

4 NAOKI HIGASHIDA E SUA ESCRITA

Os autistas podem optar pela linguagem escrita como forma de se expressarem e não engajarem o gozo vocal, conforme já mencionado aqui. De acordo com Laurent (2014), a forma como o autista fará o uso da letra será sempre singular, cada um se apropria, de maneira heterogênea, das faculdades de cantar, falar, contar, desenhar e escrever. O foco deste trabalho será a função da escrita para o autista Naoki Higashida, na sua especificidade, a partir da sua obra “O que me faz pular”, que escreveu aos 13 anos, sendo lançado em sua primeira versão em 2007, no Japão. Nascido no Japão, atualmente com 28 anos, foi diagnosticado com “tendências autistas” em 1998, formou-se em 2011, frequentando escolas para estudantes com necessidades especiais. Já publicou diversos textos de ficção e não ficção e ganhou prêmios literários, mantendo hoje um blog e dando palestras sobre o autismo.

A relevância deste autor está em, apesar de apresentar grandes dificuldades para se expressar verbalmente, traz grandes contribuições sobre o autismo e sua forma de ser, através da sua escrita. Naoki Higashida estava no ensino fundamental quando o livro foi publicado, apresentando uma comunicação verbal muito dificultada até hoje, o que torna sua escrita ainda mais valiosa. Conforme Mitchell aponta na introdução “O livro, no entanto, vai muito além de fornecer informação: oferece uma prova de que, encerrada no corpo aparentemente incapaz do autista, está uma mente tão curiosa, perspicaz e complexa quanto a sua, a minha e da de qualquer um.” (HIGASHIDA, 2014, p. 15).

Na escrita de seu livro, o autor se beneficiou da comunicação facilitada, já citada aqui, contando com um apoio inicial para escrever. “Graças aos ensinamentos da Srta. Suzuki, na Escola Hagukumi, e da minha mãe, aprendi um método de comunicação por escrito. Agora posso até usar meu próprio computador.” (HIGASHIDA, 2014, p. 22). Ele diz que a prancha de alfabeto foi criada por sua mãe que guiava sua mão para ele escrever, visando favorecer uma forma independente, até que ele descobriu um novo jeito de se comunicar.

A prancha de alfabeto é um método de comunicação não verbal. Você pode achar que a fala é a única forma de demonstrar seus pontos de vista e intenções, mas existe outra maneira de dizer o que se quer sem usar o sistema nervoso vocal. No início eu nem sonhava que poderia fazer isso funcionar, mas agora sou bastante capaz de me

expressar de verdade apenas com um computador e uma prancha de alfabeto. (HIGASHIDA, 2014, p. 27).

Ainda segundo Mitchell, na introdução do livro, o autor consegue escrever o seu livro apontando as letras desejadas na prancha, soletrando palavras, e um ajudante transcreve. Apesar de ser uma opção de baixa tecnologia, há menos distrações, logo, consegue estar mais conectado. Ainda hoje Naoki Higashida continua usando a sua prancha para se comunicar, conforme pode ser assistindo em vídeos publicados em seu canal oficial “東田直樹 オフィシャル Ch” (Naoki Higashida Oficial Ch), na plataforma *YouTube*.

Em sua obra, ele nos traz contribuições importantes sobre o autismo e a sua forma de ser. Apresenta a dificuldade em se comunicar e socializar e, em diversos momentos do livro, revela o quanto é difícil estabelecer um diálogo, sendo que até hoje ele não consegue “fazer” uma conversa de verdade. “Não tenho problemas em ler livros em voz alta e cantar, mas, assim que tento falar com alguém, minha voz simplesmente desaparece. Claro que às vezes consigo articular umas poucas palavras, mas elas podem acabar dizendo o completo oposto do que eu pretendia!” (HIGASHIDA, 2014, p. 21).

Afirma que a dificuldade com a comunicação angustia os autistas, colocando que não sabe por que não conseguem se comunicar de forma adequada, mas não é por que não querem falar: “é porque não podemos, e sofremos por causa disso. Sozinhos, não há nada que possamos fazer quanto a esse problema, e houve uma época em que eu imaginava a razão do Eu Que Não Fala ter nascido.” (HIGASHIDA, 2014, p. 48). Conta que começando a se comunicar por texto, agora é capaz de se expressar através da prancha de alfabeto e de um computador. “Por poder compartilhar o que sinto, percebo que eu também existo neste mundo como um ser humano. Você consegue imaginar como seria sua vida se você não pudesse falar?” (HIGASHIDA, 2014, p. 48). Considera a capacidade de se expressar como algo importante, como poder conviver como um ser humano e a prancha de alfabeto contribuiu muito em sua forma de comunicar, aprendendo aos poucos a usá-la sem ajuda.

A borda construída pelo autista o separa do mundo caótico e lhe dá condições defensivas, conforme já mencionado aqui. Enquanto elemento que pode constituir esta borda, o autista lança mão do duplo para suportar a enunciação, seja uma pessoa, figura humana ou objeto ao qual dá voz, sendo importante para ele ter o controle deste duplo e podendo convocá-lo quando quiser. Quando as crianças autistas seguram a mão de um adulto para conduzir e efetuar uma ação, nesta relação mantida com um duplo, é “a fim de evitarem o engajamento que um apelo constitui – implicam sempre o risco de uma recusa” (MALEVAL, 2017, p. 127).

Podemos identificar a função de duplo desempenhada pela mãe do Higashida e por sua professora, que ele aceitou como ajudantes, sendo um outro, suportável à ele, ao qual lança mão no uso da prancha e do computador.

Ao usar estes objetos, não está posto em jogo a presença enunciativa de Outro. Segundo Maleval (2017) os autistas consideram que “tratam melhor as informações transmitidas por escrito e que podem adquirir a linguagem com certa tranquilidade, com a condição de que lhes seja transmitida por um objeto, isto é, desconectada da presença enunciativa do Outro.” (p. 229). Laurent (2014) aponta a singularidade do duplo em cada caso, necessário à estabilização do sujeito, que aceita a presença do outro de modo que seja suportável e que “permita outorgar-lhe um corpo pelo efeito de duplo que ele implica.” (LAURENT, 2014, p. 129).

Higashida (2014) indica também a luta por controle do próprio corpo ao revelar sua dificuldade com o tempo, vivido como assustador, por não o sentir passar, apesar de poder ver os ponteiros do relógio. Conta do grande desafio vivido quando pedem para ele ficar quieto ou se mover, afirmando precisar se esforçar muito para se controlar. Exemplifica que é como comandar por controle remoto um robô com defeito e “Para completar, vivemos sendo repreendidos e não podemos nem nos explicar.” (p. 48).

Quanto ao corpo, também diz que não tem nenhum problema específico quanto à ser tocado, mas reconhece que pode ser insuportável, para alguns autistas, o contato. Coloca que para um autista, ser tocado “significa que outra pessoa está exercendo controle sobre um corpo que nem mesmo seu dono é capaz de controlar direito. É como se perdêssemos o que somos. Pense nisso, é apavorante!” (HIGASHIDA, 2014, p. 63-64).

Ele ressalta ainda a pânico que existe dos pensamentos deles poderem se tornar visíveis aos serem tocados e acrescenta que: “Se isso acontecesse, a pessoa iria se preocupar muito conosco. Dá para perceber? Levantamos uma barreira ao nosso redor para manter os outros do lado de fora.” (HIGASHIDA, 2014, p.64). Encapsulado por suas defesas, o corpo do autista, segundo Laurent (2014), não é organizado por uma imagem, o que nos é confirmado por Higashida (2014) quando coloca que “não temos muita noção das partes do nosso corpo” (p. 65), relatado sobre a dificuldade de acenar com a palma da mão na direção do outro.

Laurent (2014) sugere a construção de uma borda como forma de tratamento, que separa o sujeito do mundo caótico. Essa necessidade de se proteger da voz invasiva do Outro fica evidente quando Higashida (2014) diz ser invadido pelos ruídos de uma forma apavorante. Sente a necessidade de tampar os ouvidos para se proteger e recuperar a consciência de onde está. Quando atacado pelos sons, é importante se sentir seguro. Barroso (2014) afirma que a voz do Outro, para o autista, é um problema pois é o invade constantemente. Pela voz

são transmitidas as emoções e uma dimensão viva do gozo, indo além do que é comunicado pelos ditos, o que é, portanto, insuportável para o autista. A voz para ele implica uma excessiva presença do Outro, logo, quando o autista tenta se comunicar, ele “não coloca em jogo a mortificação do gozo vocal, nem seus afetos. O uso da linguagem, para a comunicação, supõe o consentimento à existência do lugar do Outro esvaziado de gozo, supõe, portanto, a extração do gozo, que, ao contrário, o autista retém.” (BARROSO, 2014, p. 299).

Higashida (2014) comenta da sua dificuldade em controlar a própria voz, citando que quando a voz estranha lhe escapa é como se estrangulasse a própria garganta. “Com certeza existem momentos em que acho o som da minha voz reconfortante, quando digo palavras familiares ou frases fáceis de falar. Mas a voz que não consigo controlar é diferente. Ela escapa de mim sem querer: é como se fosse um reflexo.” (p. 29).

A frase espontânea sai das entranhas, seu modo imperativo marca um gozo vocal e o apelo ao Outro se afirma, o que, de acordo com Maleval (2015), é dilacerante para a criança autista. É no ápice de angústia, apenas, que o autista deixa o enunciado escapar, o que é vivido como uma mutilação. Depois, busca se proteger em um ainda mais profundo silêncio. Diante da recusa de assumir a alienação, quando buscam se comunicar, utilizam elementos linguísticos depurados do gozo vocal. “Sua entonação é testemunha disso: frequentemente monocórdia, banalizada, empobrecida de afetos; porém, mais importante ainda: o uso do significante se encontra apagado em proveito do signo. (MALEVAL, 2015, p. 22).

Para Maleval (2017), é um problema capital para as crianças autistas chegar à uma comunicação separada da ambiguidade, o que o leva à um tratamento específico da linguagem. O ideal do autista seria um código no qual a palavra se conecta, de forma constante e rígida, ao objeto ou situação determinada, de forma clara. O problema não é a complexidade da língua, segundo Maleval (2015), pois isso, na verdade, leva à um menor risco de polissemia, à medida que tem mais regras e estruturas, menos em sua intuição e contexto o autista tem que se apoiar.

Higashida (2014) deixa muito claro a dificuldade com o que é ambíguo e preferência pelo que é constante quando relata sobre a tabela de horários de ônibus e o calendário, indicando que são sempre iguais e que pode entendê-los com facilidade. “E, no quesito de coisas favoritas, somos capazes de memorizá-los com facilidade, como se estivessem sempre na ponta da língua. No entanto, autistas têm muita dificuldade de entender coisas invisíveis, como relacionamentos e expressões ambíguas.” (HIGASHIDA, 2014, p. 127).

Visando escapar da ambiguidade, o autista vai buscar a constância e a padronização, o que nos confirma Higashida (2014), por ele poder controlar e ser algo constante, “Letras,

símbolos e sinais são meus melhores aliados, pois nunca mudam. Continuam sempre os mesmos, fixados em minha memória.” (HIGASHIDA, 2014, p. 89). Os números, letras e signos podem ser tidos para Higashida (2014) como seus objetos autísticos, dentro de sua borda, aos quais ele lança mão para se proteger e o confortar diante da desordem do mundo

E, quando estamos solitários ou felizes, da mesma forma como vocês poderiam cantarolar uma música para si mesmos, nós convocamos nossas letras. Enquanto eu as escrevo, posso me esquecer de todo o resto. Não estou sozinho quando estou com as letras. Elas são muito mais fáceis de controlar do que as palavras faladas, e podemos estar com elas sempre que quisermos. (HIGASHIDA, 2014, p. 89).

Quanto à relação com os números, Maleval (2017) chama atenção para o interesse pelos números primos, no caso de Gilles Tréhin, tido como referencial tranquilizador, enquanto uma referência fixa. O interesse de Higashida (2014) esbarra tanto nos números quanto nas letras e símbolos, com uma constância tranquilizadora. Semelhantemente, quando assiste comerciais na TV, que são familiares e que conhece bem, como quando diz frases fáceis de falar e palavras familiares. Ainda diz que “fazer sons com a boca não é o mesmo que se comunicar” (HIGASHIDA, 2014, p.45), se aproximando da língua verbosa, citada anteriormente, com fins de auto-satisfação. Uma grande diversão e fonte de satisfação, para ele, é brincar de ordenar as coisas, o que se enquadra na padronização e a constância buscada pelos autistas.

Outras crianças costumam gostar de brincadeiras de imaginação e faz de conta, mas um autista não consegue ver graça nisso. O que me importa — e, na verdade, me deixa bastante obsessivo — é em que ordem as coisas estão e as diferentes formas de alinhá-las. O que adoramos mesmo são as linhas e superfícies dos quebra-cabeças. Coisas desse tipo nos fascinam. (HIGASHIDA, 2014, p. 115).

Maleval (2015) aponta que, é na condição que a palavra não é a morte da coisa, que o mundo se torna “semblantizável”, pela significantização. Entretanto, fazer “semblante” para os autistas é um impasse pois o ato sugere o deslocamento do significante e do objeto e, assim, a criança finge que uma coisa é outra. Conforme visto, a codificação do mundo pelo signo é o ideal do autista, pela falta de acesso ao significante, o que pode ser identificado no pouco interesse em jogos de faz-de-conta apresentada por Higashida. “Recusando mobilizar os significante para comunicar, o autista se resigna aos signos, esforçando-se para atribuir a eles uma significação absoluta” (MALEVAL, 2015, p. 24).

O importante elemento do diagnóstico diferencial é a busca por uma padronização, enquanto um desejo pela imutabilidade, conceito de Kanner, como principal forma de proteção contra a angústia, assim como a solidão. Isto vem do fato do autista não tolerar mudanças no mundo estático em que ele quer viver. Enquanto o esquizofrênico não crê em nada e teste-

munha uma rejeição ao Outro, o autista busca o Outro de síntese, estando atendo às regras absolutas. Explicações podem não moderar a angústia de um psicótico, mas para um autista, as regras são importantes. (MALEVAL, 2015).

Tal preferência pela imutabilidade e constância é indicada por Higashida (2014) quando afirma que a garantia de alegria para o autista é a repetição. Explica que “Se me perguntassem o motivo, minha resposta seria a seguinte: Quando você está num lugar novo e desconhecido, também não fica aliviado ao encontrar um rosto familiar e amistoso?” (p. 121). Desta forma, os objetos que giram o fascinam: “Só de olhar alguma coisa rodopiar, nos enchemos de uma alegria profunda durante o tempo em que ficamos ali admirando aquele movimento perfeito e regular. É sempre igual, cada vez que fazemos isso. Coisas constantes nos confortam, e existe uma beleza nelas.” (HIGASHIDA, 2014, p. 113).

Também constantes, a conexão rígida entre signo e imagem aparece nos ícones, aos quais os autistas se apegam e apreciam. Maleval (2017) evidencia que o ícone é “o signo mais apropriado à sua busca pela codificação do mundo: nela se revela imediatamente manifesta uma conexão rígida do signo com a imagem do referente” (p. 212). O autista sofre com as ambiguidades e variações presentes na realidade. Vai procurar, desta forma, codificar o mundo com a ajuda dos signos buscando regularidades fixas. (MALEVAL, 2015). De acordo com Bialer (2014) são algumas das manifestações da relação do autista com a linguagem: persistência na literalidade do que foi dito, dificuldade em generalizar situações aprendidas e também a fascinação por regras e estruturas fixas, prevalendo o signo em detrimento do significante, conforme nos foi apontado por Higashida (2014).

A assimilação dos signos, correlata à entrada nas bordas da linguagem pelo autista, pode ser feita pela leitura, ao assistir televisão, em contato com o mundo, mas em uma forma de assimilação que permita manter à distância o risco da invasão pelo gozo implicado em uma incorporação significativa da linguagem, recusada pelo autista. Daí a prevalência dada aos referentes concretos da linguagem, aos signos e ícones, e a evasiva da polissemia significativa. (BIALER, 2014, p. 158).

Maleval (2017) afirma que “Na falta de dispor do significante-mestre, o autista procura a referência da linguagem no mundo das imagens e das coisas” (p. 223). Quando Higashida (2014) explica sobre a noção de tempo ser confusa para eles por não ter limites, deixa claro a ideia do pensamento por imagens. Diz que um segundo pode demorar muito e 24 horas passar rapidamente, fixando o tempo na memória em forma de cenas visuais. Da mesma forma, diante de uma pergunta feita à ele, ao buscar respostas em suas lembranças, ele repete a pergunta feita e explica como isto acontece, indicando o pensamento referenciado em imagens: “Compreendemos bem o que ouvimos, apenas não conseguimos responder até localizar a lembrança

e a imagem certas em nossa cabeça.” (HIGASHIDA, 2014, p. 33). Resalta o quanto as imagens ficam fixas em sua memória:

A mensagem que tento passar é: por favor, não incluam imagens nas nossas agendas de atividades, pois isso faz com que os compromissos e seus horários e duração permaneçam registrados de forma muito intensa em nossa memória. E, quando isso acontece, nos sentimos pressionados, pois não sabemos se o que estamos fazendo condiz com a agenda. No meu caso, acabo olhando a hora com tanta frequência que não consigo mais apreciar o que acontece ao redor. (HIGASHIDA, 2014, p. 162).

Como o simbólico não consegue diminuir o caos existente no mundo e nas emoções, os autistas procurarão o controle e o absoluto inventando estratégias. De acordo com Maleval (2017), pode ser a invenção de um mundo, a busca de regras imutáveis, se apropriando de um saber num domínio restrito, e outros. Na questão 25 “Por que você pula?”, pergunta que mais se aproxima do título do livro, Higashida (2014) evidencia a dificuldade com os sentimentos e volta a mencionar a dificuldade com o corpo, ao colocar que as pessoas com autismo apresentam reações físicas aos sentimentos de alegria e tristeza. Como se tivesse sido atingido por um raio, o corpo “fica tolhido”, sentindo-se sem liberdade para mover seu corpo da maneira como deseja, quando acontece algo que o afete no nível emocional. Ao usar a estratégia de pular, relata se sentir mais leve, como se libertasse das cordas que o prendem.

Quanto ao olhar, comenta que fazer o contato visual quando fala com uma pessoa é um pouco assustador e, então, tenta evitar. Quando falam, ele ouve a pessoa com todos os sentidos e diz que o que o incomodou por muito tempo foi “essa ideia que as pessoas têm de que, se existir contato visual enquanto conversam conosco, vamos compreender cada palavra. Ah! Se só isso fosse suficiente, minha incapacidade já teria sido curada há muito, muito tempo...” (HIGASHIDA, 2014, p. 53).

Barroso (2014) nos orienta que enquanto na psicose é o Outro no Um, no autismo é um Um sem o Outro. A autora explica que sem a extração do objeto não há a constituição da alteridade, não havendo relação do sujeito com o Outro “pois as operações de alienação e separação não produzem nenhum ponto de intercessão entre o campo do sujeito e o campo do Outro” (BARROSO, 2014, p.307). Semelhantemente, Maleval (2015) indica que o autista retém o objeto, recusando de engajar a voz e olhar.

Uma das razões pelas quais se dá, pelo escrito, a aquisição da compreensão da linguagem, é a preferência do autista por imagens mentais. Ele tenta assim distanciar os sinais sonoros “transmitidos pela inquietante enunciação do Outro, de modo que ele dá preferência às encarnações icônicas e escrituras do signo.” (MALEVAL, 2017, p. 216-2017). A aprendizagem por escrito ou por objetos, é tida de forma unânime pelos clínicos, como preferência dos

autistas. Lutar contra a dolorosa solidão, estruturar a borda protetora e ordenar um mundo caótico são pontos permitidos a partir da assimilação dos signos e dos objetivos tranquilizadores. (MALEVAL, 2017).

Caldas (2007) comenta sobre a linguagem oral e a linguagem escrita, e traz reflexões a respeito da escrita da voz e da voz na escrita, colocando que a voz “se insere no campo da subjetividade, na articulação do sujeito com o Outro, conceito lacaniano que diz respeito ao campo da cultura, da lei e do pacto.” (p. 17). Contando com os ensinamentos de Lacan, a autora ainda ressalta que o escritor é aquele “Que pode ensinar ao psicanalista sobre seu saber fazer com a linguagem” (p. 16).

Barroso (2014) afirma que é pelo fato do autista não se submeter às regras do discurso do mestre é que se faz mestre da linguagem. Deste modo, Higashida nos ensina através da escrita seu saber fazer com a linguagem. Laurent (2014) aponta que os diversos testemunhos nos indicam a diversidade de uso da letra: escrita, número, fixação da fala, imagem desconstruída e música. O autor ressalta os efeitos de apaziguamento para os sujeitos na apropriação singular de cada um da fala, do canto ou da escrita.

Maleval (2017) considera a facilidade dos autistas em mencionarem por escrito o que sofrem, buscando ser escutados: “Eles querem poder fazer reconhecer que são seres inteligentes, que o prognóstico do autismo não é sem esperança, que não há ninguém melhor que eles para falar do seu funcionamento e que não são todos os tratamentos aos quais são submetidos que têm valor.” (p.18). A prancha de alfabeto não é apenas ferramenta para organizar frases, mas sim, como ele comunica aos outros o que precisa e quer que entendam: “O que me fez insistir nisso foi o pensamento de que para viver como um ser humano nada seria mais importante do que a capacidade de me expressar.” (HIGASHIDA, 2014, p. 28).

O autista escreve também para demandar uma melhor consideração de sua diferença, reivindicando a singularidade de seu funcionamento, reconhecendo-se como autista e escrevendo em nome dos demais autistas, segundo Maleval (2015). Do mesmo modo, Higashida (2014) adverte: “Não somos compreendidos e daríamos qualquer coisa para mudar isso. Os autistas sofreriam colapsos nervosos o tempo todo por essa incompreensão se não se controlassem bem. Por favor, tentem entender como somos e o que enfrentamos.” (p. 136). Em vários momentos pede que não se desista dos autistas, evidenciando a necessidade de ajuda: “por favor, tente entender pelo que estamos passando e continue ao nosso lado.” (p. 71).

Bialer (2014) ressalta a importância da escrita do autista, em outro momento inacessível aos outros, e que puderam sair do encapsulamento. Principalmente nos casos de autistas que apresentam grande dificuldade no uso da voz para comunicação oral, Bialer (2015) apon-

ta efeitos terapêuticos da escrita enquanto uma possibilidade de organizar os pensamentos e sentimentos perdidos no caos. Isto é confirmado por Higashida (2014) ao considerar sua prancha de alfabeto também como ferramenta de organizar frases.

O autista, como forma de se proteger da angústia, escolherá objetos, buscará a imutabilidade e construção de uma borda. Ele se mantém colado a esta borda construída, que tem propriedade de fronteira e canal de direção frente ao mundo exterior, além de captador dinamizador do gozo. O tratamento do sujeito autista se dá pela construção e deslocamento desta borda, sendo necessário o trabalho inventivo do sujeito. (MALEVAL, 2015).

Sendo assim, a escrita aparece no trabalho inventivo de Higashida, na borda construída e ampliada, favorecendo trocas com o meio e proteção contra a angústia, proveniente do mundo caótico e do Outro ameaçador. A mesma obedece aos critérios de imutabilidade, não endereçamento direto da voz ao Outro, possibilidade de controle total, ausência de uma insuportável presença do outro. Proporciona tranquilidade ao lidar com letras, números, símbolos e evitação de polissemias ao escrever, lançar mão do duplo para apropriação de uma escrita e possibilidade de inserção social por meio dela. A escrita surge como caminho menos angustiante de conexão ao mundo exterior, partindo de um trabalho singular, escolhido pelo sujeito.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando o autismo enquanto modo de ser singular do sujeito, este trabalho nos possibilitou compreender que o mutismo não perpassa o não saber falar, mas sim, a dificuldade que isto apresenta para os autistas. A partir do que nos ensina Naoki Higashida em seu livro, a escrita aparece como solução subjetiva singular, escolhida pelo próprio autista. Se beneficiando da comunicação facilitada, ele constrói sua escrita, lançando mão do duplo neste processo. Sobretudo, destaca-se que não é como uma receita para demais autistas, mas algo que, para ele, tem uma função importante, e, conforme foi visto, apresenta diferenças da escrita na psicose.

A voz foi compreendida como *objeto a*, a partir da visão psicanalítica, para além da função orgânica, entendida enquanto objeto da pulsão. Foi mostrada a importância da extração do objeto, indicando que algo deve cair para que o sujeito se constitua a partir de uma falta, o que está relacionado com a entrada na linguagem. A partir deste furo deixado pelo que foi perdido, castração, que é possível ao sujeito endereçar seu desejo para fora. O sujeito autista não perde algo, ele recusa a alienação do seu ser à linguagem, aos significantes que vem do Outro. Não havendo a extração do objeto ele fica, então, em um circuito fechado da pul-

são, com dificuldade não em adquirir a linguagem, mas em tomar a posição de anunciador, retendo a voz para não se confrontar com o desejo do Outro.

A função da escrita para Higashida, conforme podemos concluir, perpassa sobre o fato desta dar a possibilidade de colocação da voz de uma forma menos angustiante. Ele nos ensina que a verborreia, o mutismo, os objetos e duplos do autista são formas de proteção diante dos empasses com a voz. Permitindo um suporte ao endereçar a voz ao outro, sem a marca de uma presença anunciativa, a escrita aparece como elemento de sua borda.

Diante de um mundo caótico, ao lançar mão da escrita, o endereçamento ao outro se torna mais suportável, uma vez que, o desejo por imutabilidade e constância é atendido. É afirmada a importância dos objetos para os autistas e o quanto é necessário o respeito à singularidade de cada sujeito.

A dificuldade com a voz não é exclusividade de Higashida, conforme visto nos demais casos citados, e cada um encontrou uma solução diferente para usar a própria voz. Hélio, a partir de um tratamento psicanalítico, encontrou a função de locutor, conseguindo separar a voz de seu corpo. Owen, recorre ao duplo nos personagens, como forma de usar a voz. A escrita aparece para Higashida como forma de tratamento para a sua voz, diante da dificuldade que a voz falada apresenta. Ao lançar mão da escrita ele consegue se conectar ao outro.

É importante considerar as limitações deste estudo, uma vez que o enfoque é dado à Naoki Higashida, mas considerando que para cada autista escritor a escrita terá seu papel singular. Podemos ressaltar também a importância de mais estudos referentes à voz no autismo, visto que esta apresenta enormes impasses para estes sujeitos. É relevante também ampliar estudos relacionados à terapêutica da escrita, como também aos processos de aprendizagem da mesma para estes sujeitos.

REFERÊNCIAS

ACERO, Iván Ruiz. O que dizem os autistas? **Opção lacaniana online**. Ano 4, nº 11, junho 2013. Disponível em: <http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_11/autistas.pdf> Acesso em: 19 jan. 2020.

BARROSO, Suzana Faleiro. **As psicoses na infância: o corpo sem a ajuda de um discurso estabelecido**. Belo Horizonte: Scriptum, 2014.

BASTOS, Angélica. A voz na experiência psicanalítica. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 59-70, junho de 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982014000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 jan. 2020.

BERNARDINO, Leda Mariza Fische. A importância da escrita na clínica do autismo. **Estilos clínicos**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 504-519, set./dez. 2015. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v20n3/a10v20n3.pdf>>

BIALER, Marina. A escrita terapêutica no autismo. **Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 221-233, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142015000200221&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 jan. 2020.

BIALER, Marina. Algumas estratégias de (auto) tratamento do autista. **Estilos clínicos**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 150-162, abr. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282014000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 jan. 2020.

BIALER, Marina. A voz no autismo: uma análise baseada em autobiografias. **Estilos clínicos**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 268-282, ago. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282017000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 19 jan. 2020.

CALDAS, Heloisa. **Da voz à escrita: clínica psicanalítica e literatura**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2007.

CATÃO, Inês; VIVÈS, Jean-Michel. Sobre a escolha do sujeito autista: voz e autismo. **Estudos de psicanálise**, Belo Horizonte, n. 36, p. 83-92, dez. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372011000300007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 jan. 2020.

HIGASHIDA, Naoki. **O Que Me Faz Pular**. Tradução de Rogério Durst. Intrínseca, Rio de Janeiro, 2014

LAURENT, Éric. **A batalha do autismo: da clínica à política**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

MALEVAL, Jean-Claude. **O autista e a sua voz**. Tradução e notas de Paulo Sérgio de Souza Júnior. São Paulo: Bluncher, 2017.

MALEVAL, Jean-Claude. O que existe de constante no autismo? **CliniCAPS**, Vol 4, nº 11, 2010. Disponível em: <http://www.clinicaps.com.br/clinicaps_pdf/Rev_11/Revista%2011%20-%20art1.pdf> Acesso em: 26 set. 2018.

MALEVAL, Jean-Claude. Por que a hipótese de uma estrutura autística? **Opção Lacaniana online nova série**, Ano 6, nº18, 2015. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_18/Por_que_a_hipotese_de_uma_estrutura_autistica.pdf> Acesso em: 19 jan. 2020.

MILLER, Jacques-Alain. Jacques Lacan e a voz. **Opção Lacaniana online nova série**. Ano 4. Número 11. Julho, 2013 Disponível em:

<http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_11/voz.pdf> Acesso em: 19 jan. 2020.

RIBEIRO, Jeanne Marie de Leers Costa. **A criança autista em trabalho**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.